

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E CIÊNCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta apostolica do Santo Padre Leão XIII aos coptas.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *O atheismo moderno.* pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *O socialismo (IV)* pelo ex.^{mo} snr. B. — *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas de Mons. Ricard ao snr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre o direito dos regulares darem sepultura aos cadáveres.* — SECÇÃO ILUSTRADA: *Assassinio de Garcia Moreno*; *Nossa Senhora do Carmo*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pelo ex.^{mo} snr. Jacintho M. de Gouveia. — RETROSPECTO: pela redacção.

GRAVURAS: *Assassinio de Garcia Moreno*; *Nossa Senhora do Carmo*.



ASSASSINIO DE GARCIA MORENO



CARTA APOSTOLICA

100

NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII AOS COPTAS

LEÃO XIII, PAPA

Saude e paz no Senhor

Haviamos apenas começado a realisar de certo modo o Nosso antigo projecto de restabelecer ou fortificar a unidade christã no Oriente, para cujo fim tinhamos convocado em assembleia os Patriarchas da dita região, quando recebemos do clero catholico do vosso paiz cartas portadoras d'obsequiosas homenagens e ferventes preces a Deus em favor da Nossa pessoa. Mais tarde recebemos Nós outras missivas, impregnadas, como as anteriores, d'inteira piedade filial, subscriptas pelos optimatas da vossa nação. Tanto umas como outras foram para Nós motivo d'intenso regosijo e comoveram profundamente as fibras mais sensiveis do Nosso paternal coração; porque em ambas era manifesto o ardente desejo, que os anima, d'ajudar á grande obra da salvação d'aquelles vossos concidadãos que, com indizível dôr de Nossa alma, vivem separados da communhão e graça da Santa Sé Apostolica. Este sentimento é mui digno da fé catholica e da verdadeira fraternidade de Jesus Christo. Quanto a Nós, apenas recebidas as vossas cartas, não deixamos de reflexionar sobre ellas; mas julgamos conveniente retardar algum tempo a resposta, por Nos parecer que deveria ser utilissimo aos vossos interesses conhecer de um modo mais completo o Nosso pensamento e por querermos dirigir-vos as Nossas exhortações apostolicas ao mesmo tempo que vos testemunhávamos a Nossa grande solicitude paternal.

Achamo-Nos animado, como bem sabeis, d'uma especial benevolencia para com a vossa Egreja, tão illustre, e para com a vossa nação; não Nos parecendo demasiados todos os esforços

que se façam para libertar, tanto uma como outra, da penosissima situação a que se acham reduzidas. Desde a origem do Christianismo, laços mui apertados ligaram a Egreja romana com a Egreja de Alexandria. Marcos, discipulo de Pedro e fidelissimo interprete de seus designios, recebeu do Principe dos Apostolos o encargo de fundar essa Egreja, que havia de chegar a ser illustre por tantos titulos. Todos sabem que ella teve á sua frente, na dilatada serie dos tempos, varões insignes pela santidade de sua vida, pela profundesa de seu saber, pela pureza de sua doutrina. Apraz-Nos recordar aqui, entre outros, a Dionisio, Pedro martyr, Atanasio e Cyrillo, todos, segundo palavras de S. Celestino, constantes defensores do dogma catholico (1) e cuja obediencia á auctoridade dos Pontifices romanos está fóra de toda a duvida, porque é demonstrada por grande numero de factos.

Ao lado da cathedra de Marcos, desenvolveu-se aquella memoravel escola doutrinal, demonstração viva do brilhante papel que as sciencias humanas, sabiamente invocadas, podem desempenhar na explicação e defesa das verdades divinas. Porém a gloria immarcessivel da vossa Egreja a constituíram aquelles exemplos que soube offerecer de virtude altissima aos homens; até a mais remota posteridade, durará a memoria d'aquelles que, obedientes á voz do grande Antonio, transformaram as agrestes solidões do deserto egypcio em bemdictas moradas da perfeição evangelica.

Porém chegaram tempos nefastos para a causa da unidade catholica no mundo, e especialmente calamitosos para a Egreja de Alexandria. Ainda em dias tão tristes, floresceram n'ella homens de solida doutrina que se desvelaram por demonstrar as razões que abonavam o regresso á antiga fé e á communhão com a Egreja romana. O dia tão anciado da reconciliação teve que luzir por fim, verificando-se tão venturoso acontecimento no grande Concilio de Florença, em que o Nosso predecessor Eugenio IV, depois de ter recebido uma numerosa e magnifica embaixada de coptas e de etiopes, voltou á graça da Santa Sé Apostolica a Egreja d'Alexandria, com indizível jubilo da christandade. E prouvera a Deus que o accordo realisado então houvesse persistido; mas não tardaram, por desgraça, a sobrevir novas causas de triste separação. Apesar de tudo, os Pontifices romanos conservaram no intimo do seu coração a mesma solicitude e o mesmo affecto para com

aquelles filhos rebeldes; vós mesmos, em vossas cartas, recordaes com palavras de reconhecimento os nomes veneraveis de Pio IV, de Gregorio XIII, de Innocencio XI, de Innocencio XII, de Clemente XI, de Clemente XII, de Bento XIV e de Pio VI.

Quanto a Nós, grato Nos foi saber por vós mesmos que conservaes viva recordação da solicitude com que Nos temos occupado a estudar os vossos interesses desde os começos do Nosso Pontificado; e mais grato ainda o vêr com quanta fidelidade vos esforcaes por corresponder a esses Nossos cuidados. A primeira coisa que fizemos, foi proporcionar-vos a ajuda e a assistencia dos Padres da Companhia de Jesus, certo de que haviam de servir-vos de grande utilidade as suas missões, e a sua applicação ao ensino da juventude, mui especialmente ao d'aquelles que aspiram ao estado sacerdotal. Tambem se estabeleceram entre vós, por ordem Nossa, os missionarios africanos de Lyão, homens apostolicos, cujo zelo, particularmente no Baixo Egypto, está já produzindo fructos de benção. Com justiça, pois, fallaes das suas obras, proclamando-as excellentes e fundando n'ellas lisongeiras esperanças em favor da gloria, hoje obscurecida, da vossa Egreja, e que com o favor divino terá de voltar, mais ou menos tarde, ao seu pristino esplendor.

Tudo isto de tal modo augmenta a Nossa esperanza, e a tal ponto excita o Nosso zelo, que Nós, longe de vacillar em acceder á supplica que ha muito tempo Nos dirigistes, resolvemos, com alegria do coração, comprazer-vos immediatamente. Já tendes um Bispo, por Nós eleito entre os vossos concidadãos. Homem na plenitude da vida e em todo o vigor dos annos, eminente por sua sciencia, pelo dom de conselho que lhe assiste e pelas virtudes que enthesoura, não se poupará a fadigas nem a vigílias, suores nem trabalhos por vós e por vossa salvação. Agradou Nos sobremaneira lêr o grande numero de louvores que em vossas cartas tributaes á sua pessoa, assim como Nos enche de jubilo a submissão e o auxilio que lhe offerecestes na occasião de começar as suas altissimas funcções.

Abrigamos, porém, a esperanza de podermos levar a cabo, com a graça de Deus, e com o vosso concurso, coisas ainda maiores, e todas mui boas, em pró dos vossos interesses. Porém torna-se necessario, primeiro que tudo, que empregueis esforços para conservar intacto e inviolavel o *deposito sagrado da Fé*; é o maior de todos os bens e o mais exposto entre vós a ser alvo dos ataques dos homens perdidos, arribados talvez ás vossas plagas de paizes estrangeiros.

(1) Ep. ad S. Cyrillum Alex. n. 1.

E como a conservação da fé depende, em não pequena parte, da educação das criancinhas e da juventude, seja o primeiro dos vossos cuidados augmentar, cada vez mais, o numero das boas escolas, velando pela pureza do ensino que n'ellas se ha de dar. Em assumpto de tanta importancia, Nós vos promettemos a Nossa assistencia e o Nosso auxilio.

Porém estes meios que recommendamos seriam inefficazes sem o exercicio da virtude e da piedade christãs, e este dever incumbe principalmente aos mais velhos e aos mais illustres d'entre vós. Mãos pois á obra, e empreguem todos n'isto ardentissimo zelo, procurando «fructificar em todas as boas obras e crescer na sciencia de Deus.»

E' grande o Nosso desejo de que augmente entre vós o numero dos sacerdotes, de modo que sejam bastantes para satisfazer as necessidades espirituaes dos povos; e porisso Nos foi mui agradável saber que grande numero de jovens se afadigam já em realizar esta consoladora esperanza. Se estes jovens levitas acertam em adornar suas almas com o duplo merito d'uma sã doutrina e d'uma virtude exemplar, se se sentem animados de santo ardor pela religião catholica e d'um amor verdadeiro á sua patria, muito contribuirão para que o vosso clero adquira um feliz desenvolvimento, que será maior ainda quando outros jovens, impellidos pelo seu exemplo, se decidam igualmente a entrar nas vias do sacerdocio. O que constitue outro motivo não menos importante de Nossas preoccupações, o tambem de Nossas esperanças, são as virgens do Senhor, consagradas á educação e ao ensino das meninas, e ás quaes desejamos exito completo na empreza salvadora que tomaram a seu cargo, sob a protecção da vossa inclita padroeira Santa Catalina, a virgem sabia e invencivel.

Resta tractar um ponto, no qual temos que insistir, fazendo sobre elle as Nossas affectuosas exhortações. Queremos falar da união dos espiritos, que deveis procurar que a todo o custo se mantenha entre vós. Todos, clérigos e leigos, unam-se tão estreitamente quanto seja possivel n'uma santa concordia de pensamento e d'acção, e ambas as classes de fideis procurem sustentar a mais estreita união entre si, mercê da caridade de Jesus Christo, que constitue o «laço da perfeição».

E afim de que estas Nossas instrucções se arceiguem mais profundamente em vossas almas, apraz-Nos repetir aqui, com suas mesmas palavras, aquelle appello eloquentissimo que o bemaventurado Cyrillo, abraçado no zelo pastoral que consumia sua alma, diri-

gia n'outro tempo aos vossos antepassados, do alto da Sé patriarchal:

«Oh! irmãos muito amados! Oh vós todos que participaes do divino chamamento! Initemos, en-la qual na medida de suas forças, imitemos a Jesus, guia e consummador da nossa salvação. Abracemo-nos com a humildade, com a pobreza d'espírito que nos eleva ao Céu, com a caridade que nos une a Deus e seja nossa fé profunda e sincera ante a sublimidade dos divinos mysterios. Fugi da divisão, evitae a discordia, escutae o preveito de Christo: n'isto conhecerão todos que sois meus discipulos se tiverdes caridade entre vós».

Entre os numerosos fructos d'esta caridade, que é a mãe da concordia, será um dos mais formosos este: que aquelles de vossos concidadãos que não partilham vossas crenças, commovidos por tal exemplo, serão mais facilmente, e com maior suavidade, impellidos a buscar e a reclamar a união comvosco no seio da unidade catholica. Desejamos que vós procureis acelerar a chegada d'este venturoso dia, por cujo alvorecer suspiraes, com vossas orações e supplicas a Deus e pelo espirito de caridade e benevolencia que deve presidir ás relações que mantehaes com esses vossos irmãos. Dever é este que Nós recentemente prescrevemos a todos os catholicos.

E ao chegar a este ponto, sentimos necessidade de proclamar bem alto o affecto que temos por vós os que pertenceis ao rito copta separado, e que Nos impelle a desejar ardentemente a vossa união com Nosco «nas entranhas de Jesus Christo.» Permitti, pois, que, cedendo á força d'um invencivel desejo, vos demos os doces nomes de irmãos e de filhos. Deixae, sim, deixae que alimentemos a esperanza do vosso regresso, esperanza que o vosso proprio modo de proceder fez germinar no Nosso coração. Bem conhecemos quaes são os sentimentos que albergam as vossas almas a Nosso respeito e a respeito de todas as pessoas que Nós são queridas, assim como a piedade com que, lamentando a separação dos vossos padres, gostaes de recordar os dias que passaram, dias fecundos em santidade e em gloria. E a Nossa confiança augmenta ao contemplar o consideravel numero de pessoas que entre vós lançam seus olhares supplicantes para a cathedra de S. Pedro, considerando-a como cidadella da verdade e asylo da salvação, não deixando com isto qualquer duvida a ninguem acerca das suas excellentes disposições.

Estas disposições são fructo do Espirito Santo, que produz taes maravilhas nos corações bem intencionados e nas almas de boa vontade. Nós as

acolhemos já com a satisfação devida, e agora, e com enthusiasmo mais ardente, as encommendamos, do intimo do Nosso coração, ao Deus das Misericordias. Não pouparemos pela Nossa parte trabalho algum que possa conduzir á realisção d'esta dictosissima união.

Procuraremos imitar o proceder, ao mesmo tempo prudente e benevolo, de que deu exemplo o Nosso illustre predecessor Bento XIV em eguaes circumstancias. Elle temperou as severidades proprias da auctoridade com a doçura d'uma amorosa indulgencia. «Esta indulgencia deverá produzir,—Nós repetimos as suas palavras,— uma colheita mais abundante cada dia e mais rica em jubilos espirituaes; porque as almas se apressarão a voltar ao seio da Igreja, comprehendendo que Nós, collocados no lugar de Christo para cumprir cá na terra a sua missão de Pastor, tratamos tão sómente de salvar os que andavam perdidos, e unicamente queremos que tornem ao redil as ovelhas extraviadas, e não levadas pelo medo, mas conduzidas pela mão da caridade.»

E' assim que Nós queremos comportar-Nos comvosco; e porisso vos exhortamos a que ouçaes a voz da caridade de Christo Jesus, que vos chama para que participeis da sua herança, confiudo em que essa mesma caridade fará que correspondaes ao Nosso appello.

Posto isto, se se redobrem os esforços tentados em todo o Egypto em pró da unidade catholica de modo que sejam de dia para dia mais abundantes os seus fructos, a Igreja de Alexandria acabará por readquirir, segundo os Nossos desejos, o esplendor dos seus dias mais gloriosos, e poderá esperar da Igreja romana, sua mãe sempre amorosa, os beneficios e as graças a que tem direito.

Oxalá não seja este formoso despertar um phenomeno fugaz e passageiro; antes pelo contrario, se mantenha vivo o ardor, sob a protecção da illustre cohorte de santos, que, nascidos na região egypcia, são hoje cidadãos do Céu; em especial, da dos bemaventurados Pedro e Marcos, fundadores e padroeiros da vossa Igreja, e, sobretudo, sob a da Santissima Virgem Maria, cuja dignidade de Mãe de Deus foi magnificamente defendida pelo vosso insigne Cyrillo.

Só Nos resta formular uma prece. Que a Sagrada Familia, que, fugitiva por divinos decretos, encontrou asylo seguro na vossa patria e a santificou com a sua presença, semeando entre os vossos antepassados os primeiros germens da doutrina celestial e da graça; que a Sagrada Familia olhe cada

um de vós com olhos de misericórdia e vos devolva aquelles dons de piedade que constituirão em dias melhores o vosso mais precioso patrimonio.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 11 de junho de 1885, anno decimo oitavo do Nosso Pontificado.

Leão XIII, Papa.

SECÇÃO DOCTRINAL

O atheismo moderno

NEM-SE questionado entre alguns theologos e philosophos sobre a existencia dos verdadeiros atheus, isto é, homens que estejam convencidos de que Deus não existe, e que sejam sinceros na negação.

A opinião mais commum e quasi geral é que não ha verdadeiros e sinceros atheus, mas somente atheus de desejo e os chamados atheus praticos, e ainda os materialistas.

A existencia d'um Deus é uma das verdades a que a mesma razão conduz todos aquelles que a consultam no silencio das paixões.

Sobre este ponto não é necessario consultar os philosophos; basta interrogar a natureza, mais eloquente no seu silencio que o Portico, o Stoa, o Lyceu, a Academia e o Areopago. E' uma voz geral de todo o mundo: *Existo Deus. Totius mundi una vos est: Deus est.*

Aquelle que resiste ás provas sensiveis, com certeza não se renderá ás demonstrações metaphysicas.

Se nos dissérem que homens sabios teem negado a existencia de Deus, responderemos que os maiores genios, movidos por espirito de singularidade, são capazes de sustentar todos os desvarios e de negar as verdades mais palpaveis e evidentes.

Melhor diremos que elles não são sinceros, a não se reputarem destituidos da luz da razão; porque só um louco pôde dizer no seu coração: Não ha Deus. Assim o affirma expressamente o Propheta rei (Psalm. 13, vers. 1).

Quando dizemos que a existencia de Deus é uma verdade tão clara, que se não pôde combater sinceramente, entende-se d'aquelles que fazem uso da sua razão. Porquanto as provas mais decisivas não são provas senão para os que as consideram attentamente: em vão o sol brilha para aquelle que se obstina a fechar-lhe os olhos.

Não ha atheus positivos.

Constava que Diogenes não acredi-

tava na existencia de Deus, e um dia foi interrogado na rua a este respeito por um individuo.

Respondeu o philosopho:

«Tanto acredito que ha Deus, que Elle soffre as tuas loucuras.»

Só um louco deixará de crer que ha Deus, ou poderá ter duvidas a este respeito.

Um famoso escriptor disse que, tentando compôr um dictionario de todos os homens notaveis que creram em Deus, trabalhava n'este quatorze horas por dia, e que no fim de seis mezes ainda estava na letra A, e por isso desistiu do seu trabalho que não podia ser concluido senão por seus netos.

Elle nos deu uma lista dos atheus conhecidos que pôde encontrar nos annaes do mundo. Esta lista só continha quarenta nomes, vinte dos quaes haviam sido processados, e tinham soffrido a pena de forca, do fogo ou da guilhotina; os outros são muito duvidosos.

Não ha atheus positivos.

Certo homem disse a um seu amigo que andava escrevendo um dictionario de atheus. Respondeu-lhe o amigo: E eu hei de fazer um dictionario de tolos, e o primeiro nome que heide pôr ha de ser o teu.

Não ha atheus.

Um grande philosopho, que se dizia atheu, procurou um sabio e profundo theologo, a titulo de consulta. Principiou dizendo que não havia Deus.

O theologo escutou-o com religioso silencio; depois rodou o philosopho, olhando-o attentamente em todas as partes do corpo, mas fixando finalmente a vista nos pés.

O philosopho atheu, confuso, perguntou o que significava aquillo.

Resposta do theologo:

«Quero ver se o atheu é um animal diverso do homem, porque só um monstro é que pôde negar a existencia de Deus. Porém eu nada diviso em vós que indique especie differente. Queria ver se pelos pés vos conhecia; mas tendes pés como os outros homens. Vós não sois nem podeis ser atheu.»

O philosopho ficou atrapalhado, saiu immediatamente, e depois em sua casa, meditando no successo, converteu-se.

Ainda uma vez: não ha atheus.

D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo do Braga, e que tinha sido Bispo do Pará onde, visitando esta diocese, percorreu os seus desertos, dizia (segundo alguém conta) fallando d'estas viagens:

«Lê-se nos theologos e philosophos que não ha ninguem no mundo civilisado ou selvagem, que não tenha ideia de Deus; mas eu digo e assevero que encontrei creaturas humanas que nenhuma ideia tinham de Deus, nem sabiam o que isso fosse!»

Parece incrível este facto, mas é possível. No entanto é certo que ninguem pôde negar sinceramente a existencia de Deus a não ser um louco.

O que ha, sem duvida, é atheismo só de palavras, ou o desejo de que não haja Deus, para se entregar a todas as desordens.

«Nenhum homem (diz Senna Freitas no *Dia a Dia*) deixou de crer em Deus antes do desejar que elle não existisse.»

A razão é porque a vida do atheu não harmonisa com a lei divina. Nega-se então o auctor da lei para justificar o procedimento moral. E' pois o atheismo um effeito da corrupção do coração.

Pedro Bayle, apesar de se dizer atheu, não pôde deixar de fazer a seguinte pintura dos atheus:

«São almas manchadas com todo o genero de vicios e capazes dos mais horriveis crimes. Compreendendo que lhes seria vantajoso o não haver Deus, procuram d'isso persuadir-se a si proprios. Desde o momento em que o homem é capaz de ser atheu, está já possuido da mais espantosa malicia que pôde caber n'uma alma.»

Estas palavras insuspeitas são a expressão voluntaria da verdade. Assim é certo que o atheismo nasce da perversidade do coração. E a historia de todos os tempos o mostra claramente.

Epicuro e Lucrecio, philosophos da antiga Grecia e Roma, foram celebres pelas suas impiedades e paradoxos, e tambem por seus costumes depravados.

Bayle, Voltaire e os encyclopedistas com outros modernos, seguindo a Pedro Gassendi, pretenderam demonstrar que Epicuro foi um homem virtuoso, e ainda outros disseram que a sua moral é sã. Mas n'esta parte vão de encontro a toda a antiguidade. Cicero, Plutarcho, Seneca e Athenou, entre os pagãos, e S. Clemente Alexandrino, Lactancio e Santo Ambrosio, entre os christãos, mostram o contrario. E o cardeal Melchior de Polignac refutou os athletas da honra de Epicuro.

O caracter, pois, do atheismo é o materialismo, a incredulidade encyclopedica, que produziu a grande catastrophe dos fins do seculo passado, e cujos effeitos ainda se sentem em todo o mundo. Mas não é um systema de convicção.

Hoje, como sempre, não ha atheus sinceros; são em geral ignorantes, loucos e perversos. A incredulidade tem por origem a vontade, e não a persuasão.

Se, com effeito ha homens que crêem que não ha Deus, elles de certo são estupidos. Mas isto n'elles não é crer, é querer. Não podem crer que

não ha Deus, mas sim querem que não haja Deus.

Comtudo, se não ha atheus positivos, ha muitos que adoptam um systema cujo fundo é um verdadeiro atheismo: taes são os chamados deistas, ou aquelles que negam a Providencia de Deus. O deismo é um puro atheismo, porque um Deus sem Providencia é um Deus que não existe.

E' este o systema dominante entre os incredulos dos nossos dias, e que data principalmente dos meados do seculo XVIII.

O seu funesto resultado foi previsto muito antes; na mesma tribuna sagrada o vaticinaram alguns oradores, sendo bem conhecidas as palavras do Padre Reauregard, da Companhia de Jesus.

Citaremos o que disse o Padre Eliseu, carmelita francez, fallecido em 1783, prégando sobre a *falsa piedade*:

«Ai de nós! talvez estejamos tocando n'esses dias desastrosos, em que os olhos dos escolhidos, cansados de gemer sobre as desgraças da Jerusalem santa, se mudarão em fontes de lagrimas.

«Os progressos rapidos da incredulidade, o desprezo das cousas santas, a indiferença pelos dogmas, a prevenção dos espiritos fortes contra o maravilhoso e seus esforços para descobrir a causa de todos os prodigios nas forças da natureza... tudo nos faz temer uma *revolução*.»

Outros muitos vaticinaram a grande catastrophe pela propaganda da impiedade e do atheismo.

Mas a Igreja resistiu a todos os seus esforços, como ha de resistir aos dõs atheismo moderno.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

O socialismo

IV

O GRANDE e inolvidavel Luiz Venillot, na sua preciosa obra *A vida de Nosso Senhor Jesus Christo*, fallando dos dois milagres da multiplicação do pão pelo Salvador, diz o seguinte que merece, hoje mais que nunca, ser bem ponderado:

«Lancemos os olhos para a solução que poderia dar actualmente a uma das grandes difficuldades do mundo a instrução que resulta d'estes milagres. Tracta-se da multiplicação e divisão das riquezas.

O problema é alimentar um povo inteiro: cinco mil homens da primeira

vez, quatro mil da segunda, e mais as mulheres e crianças; o que, em ambas as occasiões, devia pelo menos dobrar a cifra. Para fazer face á necessidade, não ha nada. Estão no deserto. Os Apostolos, que representam o poder, inquietam-se com a situação. Propõem a Jesus o que pôde propor a sabedoria humana:

«Manda embora esta multidão, para que cada um se proveja como poder.» Jesus responde: «Dae-lhes vós de comer.»

«Então os Apostolos pensam em comprar pão, e querem generosamente empregar n'elle quanto possuem. Desalentata-os uma rapida e triste reflexão: «Ainda que empregassemos n'elle duzentos dinheiros de prata (provavelmente muito mais do que continha a bolsa commum), não seria sufficiente para que cada um tivesse um pedacinho!» Todavia, não havia outra coisa que fazer. E' forçoso escolher: ou deixal-os prover-se como poderem, sem se importar dos pequenos e dos fracos, e sacrificar o pobre; ou lançar na voragem as economias publicas, e sacrificar o rico; e ainda assim este sacrificio não será sufficiente!

«Suggere-se outro meio, mas como com pejo, tão inefficaz parece. No meio d'aquella multidão esfamada, descobriu-se um rico, um rapaz que possui cinco pães de cevada e dois peixinhos. E' mais do que o necessario para elle. Põde-se despojar aquelle rico, que tem de mais, em proveito dos que não tem nada, e fazer commum a sua abundancia, que são os seus cinco pães de cevada e dois peixes.—Ora, diz o inventor do systema, que é isto para repartir por tantas bocas?

«Abandonar o pobre, alimentar-o por um instante a expensas do Estado arruinando a este, despojar o rico sem proveito para pessoa alguma e sem arrancar o Estado ao perigo: cada vez se vêem os governos mais fatalmente estreitados entre estes abysmos. Atravez d'elles, não pôde atinar com salida sciencia alguma politica.

«Na historia evangelica, intervem Jesus. Jesus está compromettido para com aquelle povo que o seguiu ao deserto para escutar a sua palavra, e que, por consequente, cumpriu o preceito de «procurar primeiramente o reino de Deus.»

«Ordena primeiro aos Apostolos que estabeleçam a ordem entre a multidão, que a distribuam em grupos de cem e cincoenta, e que os façam assentar-se na herva verde (figura das cobiças, que cumpre desprezar). Depois, quando a turba recebeu aquella organização que põe cada rebanho e cada individuo sob a direcção d'um pastor, manda que se lhe levem as mesquinhas pro-

visões que se encontram, e as abençoã. A Elle é que as levam, porque a Elle é que ellas pertencem como creador de todo o bem e senhor de todas as creaturas; abençoã-as erguendo os olhos ao ceo, porque a Deus é que deve pedir-se toda a benção e todo o augmento; distribue-as por mãos dos Apostolos, porque Elle é que tem direito de dispor d'ellas; estas chegam, porque a sua benção as multiplicou; ainda ficam depois que todos comeram e se fartaram, porque Deus dá tudo com abundancia, e fez a lei de que a esmola não arruína o que a espalha, antes pelo contrario o enriquece.

«E' essa a economia social do Evangelho: inspirar primeiro aos povos o gosto das coisas de Deus; estabelecer entre elles a ordem e dar-lhes pastores; ensinar-lhes a desprezar as cobiças que os fazem insaciaveis; e pedir a Deus que abençõe e multiplique as verdadeiras riquezas materiaes, as que são necessarias á existencia. Toda esta economia evangelica parece hoje digna de desprezo; porém abriu-se o abysmo do pauperismo, e, como remedio, propõe-se seriamente o communismo. Já se pôde prever que as instituições communistas hão de mais facilmente abrir circoes que dar pão.»

Oh! sim: o remedio efficaz para todos os males sociaes está no Evangelho; mas rejeita-se Christo, a *pedra angular* do edificio da humanidade, rejeita-se Deus d'esta sociedade que se diz de civilização e de luz, e que é realmente de corrupção e de trevas!

Os operarios, enganados por toda a parte pelas más doutrinas, desconfiam cada vez mais da religião, apesar de responder esta ás suas desconfianças com a criação das sociedades de S. Vicente de Paulo, com a angelica missão das Irmãs das Pobres, e com infinidade de instituições de caridade que brotam do seu carinhoso seio.

Porém os esforços sobrehumanos, as obras maravilhosas da caridade encontram dois temiveis adversarios no seu caminho de amor: a injustiça barbara e o egoismo cego de muitos capitalistas por um lado, e a revolta orgulhosa e o odio exasperado dos proletarios por outro. Ha razão sobeja para o descontentamento dos operarios; não haveria logo que se estabelecessem relações de confiança e sympathia mutuas entre elles e os industriaes, baseadas nos principios christãos.

«A Europa, diz um grande pensador (1), confessa que está sobre um volcão: as *grèves* que rebentam ora d'um lado, ora d'outro, não são como crateras

(1) L'abbé Joseph Lémann, *La Religion de combat*.

subitas pelas quaes o povo dos trabalhadores procura annunciar a sua colera?

«Outro motivo contribue para que esta colera não encontre obstaculos: arrebataram Deus ao povo! Tiraram-lhe a esperanza em outra vida melhor, em que seria indemnizado das suas cruéis privações.

«La Bruyère disse:— Ha miserias na terra que confrangem o coração; faltam a alguns até os alimentos; temem o inverno, receiam viver.— Eu ousarei modificar e ampliar La Bruyère, achando desculpa nas audacias do mal. «Faltam a alguns», dizia elle; faltam a multidão de miseráveis: o que? até os alimentos: falta-lhes Deus que *lho foi arrebatado!*

«E o moralista accrescentou: «Temem o inverno, receiam viver.» Não, não; querem viver; entendi-o bem, querem viver. Estão exasperados. Desapossaram-n'os da esperanza do céu, e conspiram para se indemnizar pelo lado da terra. Politicos do século XIX, vós sois, fallando a linguagem da Escrip-tura, uma casa de exasperação, *quoniam domus exasperans est* (Ezechiél, II, 5).

Deus illumine governantes e governados, ricos e pobres, patrões e operarios, para salvar a sociedade da catastrophe imminente!

B.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POH

MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag 110)

V

O typo do Padre posto em scena pelo sr. Zola. — Qual o fim do inquerito physionómico sobre Bernadette. — O conto da carrocinha. — Narrativa das primeiras aparições, segundo o sr. Zola. — Uma testemunha contemporanea das aparições. — A physionomia de Bernadette. — Primeiras conclusões.

O PEDRO de v. ex.^a é um typo singular de Padre. Tenho bastantes annos, senhor, e hei encontrado no meu caminho muitas miserias, que me tem tornado muito indulgente para com a pobre humanidade, que sempre permanece em nós, até mesmo entre os melhores. Mas confesso que me sinto pouco inclinado á indulgencia para com esse joven collega meu, formado pela imaginação

de v. ex.^a Perdeu a fé, não creê na divindade das suas funcções, e decide que o melhor caminho a seguir é continuar a representar o seu papel, persuadido de que o seu ministerio é inefficaz!... Creio que Balzac, em face d'um tal estado d'alma, o teria chamado pelo seu nome. Tel-o-ia eu ouvido qualificar d'enganador voluntario, de mentiroso consciente, de hypocrita. São, sem duvida, palavras grosseiras, mas Balzac teria hesitado em empregal-as? (1)

E foi no seminario que elle perdeu a fé!... (2)

(1) O sr. Zola, evidentemente encantado por ter feito esta singular descoberta, fala mais vezes n'ella, e esforça-se, até ao fim do seu romance, por enternecer o leitor sobre esse «padre sem crença, que vigia a crença dos outros e desempenha castamente, honradamente (!) o seu officio (!) na altaneira tristeza de não ter podido renunciar á sua razão, como renunciara á sua carne» (p. 592.)

Um mundano, pouco suspeito do parcialidade para com as nossas santas crenças, diz-me-lia pouco:

— Causa certa irritação nos nervos deparar, de quando em vez, no livro de Zola, esse dithyrambo em louvor das altas capacidades do Padre Pedro: «Elle era a razão!...», diz o sr. Zola; e, então que eram todos os seus companheiros de peregrinação? Só elle tem o monopolio da razão, e, quando tantos espiritos elevados, sinceros, declaram, em redor d'elle, que a sua razão os não impede de creêr nas aparições de Lourdes, todos elles são doidos ou mentirosos!... Ah! sr. Zola, v. ex.^a esquece que o que prova de mais, nada prova.

Esta preocupação do romancista leva-o tão longe, que acha a coisa mais natural do mundo comparar os peregrinos de Lourdes aos anarquistas! (pag. 596)

(2) N'uma excellente analyse do Lourdes, de Zola, o sr. Henrique Dac qualifica-se v. ex.^a, mas justamente, esta odiosa encarnação do sacerdote catholico:

«Tal é — diz — esse ser incrédulo, hypocrita e dissimulado, ao qual o auctor não quer deixar commetter um sacrilegio. Mas o sr. Zola choga a pôr-lhe na bocca palavras de perdão para com uma mulher que engana odiosamente seu marido; e quando ella exclama: «Vou-me e até d'aqui a um anno!...», elle responde-lhe: «senhora, lamento-a e respeito-a infinitamente...!»

A respeito da cura de Maria, o sr. Henrique Dac faz uma justa observação no Monde.

«Então o dr. Chassaingez fez esta pergunta a Pedro: «Que dizeis se a meina de Guersaint se curasse aqui?» E observa-lhe que a certidão dos seus dois médicos a declaram incurável. Mas o Padre limita-se a sorrir. Lembra-se de que, antes de partir, um doutor, o sr. Boataclair, «joven de viva intelligencia, ainda pouco conhecido e a quem chamavam exquisito», lho dissera que era mister levá-la a Lourdes, porque com certeza seria ulli curada, se tivesse a convicção de o ser. Chegou-lhe até a annunciar como o milagre se daria, com a velocidade do raio, n'um despertar, na exaltação de toda o seu ser...»

«Quizera saber — diz o sr. Dac — onde conheceu o sr. Zola esse prodigioso doutor. Para erer n'ello, é, por certo, necessario fazer um esforço de vontade mais extraordinario do que aquelle que se espera dos incredulos para que admittam os mysterios. Segundo este singular medico, para qualquer pessoa se curar basta creêr que o ha de ser, e chega até a indicar o momento preciso em que

Affirma-o v. ex.^a

«Lembra-se elle com surpresa — diz — dos annos do seminario. Como pudera elle aceitar durante tanto tempo essa rude disciplina da fé cega, essa obediencia para creêr em tudo, sem exame? Haviam-lhe pedido o total abandono da sua razão, e esforçara-se para isso, chegara a abafar em si a torturante necessidade da verdade. (pag. 25.)»

Que ideia faz v. ex.^a da educação dos espiritos de nós, Padres, durante os annos do nosso noviciado ecclesiastico!... De-se v. ex.^a ao trabalho de bater á porta d'um d'esses seminarios, onde diz que se pede aos seminaristas «o total abandono da sua razão.» Em Lourdes foi v. ex.^a bem recebido. Um parcho d'aldeia queixou-se até, no *Univers* d'hontem (3), que o fosse tão bem, no que o não acompanho, porque era conveniente fornecer a v. ex.^a occasião de vêr tudo, contando-se com a sinceridade do observador. Mas eu prometto a v. ex.^a acolhimento não inferior no seminario onde se apresenta. O regulamento é severo, mas creio que se amenisará em honra de v. ex.^a. Entre em qualquer curso; contudo aconselho-lhe o curso de dogmatica. Ouvirá os *Officines*, os *Responsões dicendum*, segundo o methodo escolastico d'um certo Thomaz d'Aquino, o qual nunca passou, na historia litteraria e philosophica, por procurar «abafar». n'elle nem nos outros, entran-

a cura se realizará! E' verdade que os dois outros collegas «o tratavam friamente, como um joven aventureiro...» E o mesmo romancista que zomba dos prodigios de Lourdes, é o mesmo homem que quer fazer-nos acreditar na existencia d'este medico-propheta? Não se pôde ludibriar mais os leitores.

(3) Estavamos em Lourdes quando este escriptor de renome foi alli estudar a paisagem pintoresca e assistir ás commoventes corintinas e ás proclamações dos peregrinos e dos doentes. O que mais nos admirou não foi a sua presença: foi a maneira como esses excellentes senhores — e seja isto dito sem offensa — encarregados da guarda da Gruta, e das piscinas, tratavam, as deferencias de que o rodeavam, o empenho com que lhe reservavam lugar por toda a parte: na basilica, no desfilar dos doentes, na secretaria da verificação dos milagres e até nas piscinas salutaras.

São estas as reflexões que este estado de cosas desperta no nosso espirito. Que havia a esperar d'esse romancista não só frivolo, mas porcaimento licencioso, e sempre mundano? E' certo que nada ha a temer quanto ao crime d'om-bustão que certos jornais atheus accusam os clericos na celebre Gruta; e, por esse motivo, hein é que se abram todas as grandes portas de certas piscinas onde a doença readquire forças e saúde, onde o milagre se manifesta grandioso, sobrehumano, passan-lo além das forças da natureza; mas qual a razão por que o pobre humilde, que passa duas ou tres noites sem dormir para vir render homenagem á *Immaculada Conceição*, não é tão bem tratado por esses senhores que dirigem as grandes peregrinações como o foi o sr. Zola? (Carta assignada por — Um parcho da aldeia, no *Univers*, de 28 de maio de 1894.)

do n'este numero o vosso Padre Pedro, «a torturante necessidade da verdade.»

A concepção do typo sacerdotal de v. ex.^a pecca pois, e gravissimamente, — v. ex.^a o verá — pela base. Mas, devido a não ter escutado, durante uma hora, uma lição de dogma ou de não haver lido uma these de Santo Thomaz, tira v. ex.^a uma conclusão justa da sua premissa. Por infelicidade, a premissa é falsa. E' ella a culpada na extraordinaria conclusão de Pedro, quando se deixa levar n'uma carruagem do caminho de ferro a Lourdes.

Ah! não! Eu não penso, por exemplo, que ninguem em Lourdes, entre os hospedes que tão bem acolheram v. ex.^a, alguém haja pedido a v. ex.^a para «adormecer nos encantados jardins do impossível.» O Padre Maria Antonio, a quem v. ex.^a pagou em moeda menos generosa que a sua, convidou v. ex.^a a apalpar com os dedos o sobrenatural, mas nem elle, nem pessoa alguma, pediu a v. ex.^a para «de testar a sua razão.» Isso não está nas praticas do seminario, nem nas tradições do apostolado catholico. Entre os Brahmines, entre os Mahometanos, talvez; entre nós, não, nunca! Nós somos filhos da luz e a Igreja nunca a teme.

«Para que serve — diz Pedro — este inquerito physiologico sobre Bernadette?»

O inquerito foi bom, e — veja v. ex.^a até onde vae a minha confiança n'elle — estou convencido que os espiritos mais refractarios, comtanto que sejam sinceros, terão já concluido, d'aquelle que eu acabo de fazer com v. ex.^a, que da phisionomia de Bernadette, tal como acabam de nol-a descrever testemunhas pouco suspeitas, se tira uma conclusão.

Essa conclusão é que v. ex.^a foi muito... ousado, fazendo, nos termos em que se sabe, a narrativa das aparições da Gruta.

«O conto da carochinha!» diz v. ex.^a; e, como a phrase lhe agradasse, repete-a.

«O conto de bruxas!...»

Conto da carochinha!... Conto de bruxas!... Permitta-me que reproduza com v. ex.^a esse «conto da carochinha.»

A narrativa de v. ex.^a é quasi exacta na essencia; o que eu pretendo discutir com v. ex.^a é a interpretação e tambem a formação do sonho.

Desejo citar textualmente. Na polemica é este modo de proceder muito recommendado nos seminarios. Não poderá v. ex.^a d'este modo accusar-me de, para aproveitar á minha causa, ter amputado no contexto o que me convinha.

Eis, de facto, o que em verdade se passára. Tomo a narrativa no momen-

to em que Bernadette se decide a passar o Gave.

«Bernadette decide-se enfim a apanhar as saias para transpôr o canal. Apoiada n'uma pedra grande, firmara-se n'um dos pés. Ao lado d'ella ouviu-se uma lufada de vento. Bernadette levanta-se, admirada d'este vento repentino, quando o ar estava muito calmo. Nem uma só folha dos alamos se agitava e o ruido cessara. Surprehendida, mas pressurosa de se juntar a sua irmã, de novo se abaixou para apanhar as saias. O sopro sonoro passa de novo rapido e quebra-se d'encontro ao rochedo. A joven ergue-se com anciedade e olha para a Gruta. Uma magnifica roseira brava se via então no nicho, pendendo até ao chão os seus innumeraveis ramos escorchados. A menina notou que a roseira se agitava ligeiramente.

«De repente, nicho e roseira illuminam-se, e, no meio da claridade, sob a arcada do rochedo, uma Dama brilhante, joven, admiravelmente bella, com os pés postos no vallado, como chamava a menina á roseira brava, a saudada com os braços pendentes, graciosamente curvados para ella, e com a cabeça, que se inclina com bondade, mostrando no rosto o mais doce sorriso...»

«Bernadette esfrega os olhos, procura instinctivamente o bolso, tira o seu Terço, e, para se proteger, leva a mão á frente afim de se persignar. O braço cae-lhe inerte e baldadamente emprega esforços para o erguer. Apodera-se d'ella uma vaga inquietação... Mas n'este momento, a Dama toma, com a mão direita, a cruz d'um Terço que a menina não tinha ainda visto pendente do braço esquerdo, faz um grande signal da cruz, e, com um sorriso d'ineffavel benignidade, parece dizer á menina: Faze como eu. A menina imita-a e seu braço obedece livremente. A Dama junta as mãos e percorre com os dedos as contas do Terço. Bernadette resa o seu.

«Sua irmã fitava-a ha uns instantes. Viu-a pallida, com o olhar fixo; notou-lhe o duplo movimento do braço e a attitude immovel e attenta da oração.

«— Olha lá — disse á sua companheira — olha Bernadette a resar!

«— Oh! a devota! — respondeu a outra — que ideia a de vir resar para aqui! Não lhe basta resar na igreja!

«— Bem, deixemol-a. Ella nada mais sabe que resar a Deus!

«Deixaram de prestar attenção a Bernadette, e, para afugentar o frio, começaram a saltar e a correr apanhando pequenos ramos. Assim passaram nma hora ou mais.

«Bernadette continuava immovel, de joelhos, olhando sempre para essa mulher mysteriosa, tão doce e tão bella.

«A Dama, com uma graça e bondade encantadoras, fez-lhe signal com o dedo para se aproximar, sem outro chamamento que este gesto e o seu sorriso. Bernadette não ousou mexer-se. Emfim a Dama estendeu os braços, inclinou-se docemente e sorriu como para despedir-se.

«Bernadette viu então o rochedo frio, a roseira brava nua, ouviu e apercebeu as suas companheiras que brincavam. O nicho estava vazio.»

Excepto a lentidão na determinação do «sonho», que se desenha, ao contrario, desde o primeiro dia com perfeita claresa nos seus contornos, a essencia da narrativa de v. ex.^a é quasi exacta. Contudo, aquelles que queiram conhecê-la clara e completa nas suas minucias, bem farão se recorrerem ao livro do sr. Lasserre.

Mas, seria na realidade um sonho, como v. ex.^a lhe chama?

Um empregado das contribuições em Lourdes, o sr. Estrade, que assistia á scena, conservou-nos d'ella uma recordação contemporanea.

«Por ocasião da quarta aparição — diz elle — encontrava-me na Gruta. No meio d'essa multidão, que era agitada por sentimentos diversos, eu estava tranquillo, e não tinha sequer o pensamento de que tudo o que se ia passar não fosse muito natural.

«Bernadette chegou, ajoelhou-se e fez o signal da Cruz: eu não perdia um só dos seus movimentos e dos seus gestos.

«De repente, o rosto, a phisionomia, todo o seu ser pareceu-me que se transfigurava, que se animava d'uma vida estranha, celeste. Nos seus olhos via-se como o reflexo d'uma luz que a illuminava interiormente. Essa filha do povo, tão simples, tão commum no sentir e no andar que se não distinguia no meio de suas companheiras, tornou-se de subito d'uma distincção extraordinaria e sobressahia no meio da multidão. Parecia que a rodeava uma aureola.

«Sem dar por isso, descobrira-me e tinha o chapéu na mão. Todo o tempo que durou o extase, não pude despreparar os meus olhos da menina. Imovel como ella, procurava surprehender alguma coisa d'esse colloquio mysterioso, que os cambiantes da sua phisionomia deixava adivinhar.

«D'esse dia em diante, formou-se a minha convicção; communiquei aos meus amigos as minhas impressões, e tive o prazer de divergir da sua opinião acerca da apreciação d'esses acontecimentos.

«Entretanto — acrescenta elle — todos os dias recrutavamos adherentes; no fim d'alguns mezes, os convictos estavam em maioria, e no fim do anno

os dissidentes eram em mui pequeno numero.»

Põe-se v. ex.^a em opposição com estes testemunhos, e persiste em ser do «pequeno numero» dos não convictos.

Está talvez no seu direito; mas ultrapassa-o quando quer impor-nos a sua descrença, affirmando que se trata d'um sonho.

Prohibe-o a physionomia de Bernadette, essa physionomia tão estudada até por observadores tão insuspeitos! Sobre essa physionomia—diz o dr. Boissarie—tem-se projectado clarões tão vivos que não deixam nenhum traço na sombra, que nos permitem trazer hoje o seu retrato com segurança; nunca o corpo medico tomou parte mais directa e com mais persistencia em acontecimentos d'esta natureza. Não, as aparições não foram uma illusão dos seus sentidos, nem o resultado de perturbação no seu espirito. Pondo em paralelo, d'um lado, as faculdades d'esta menina, tão ignorante e tão acanhada, e, d'outro, a visão d'esta Virgem ideal, criação d'um typo desconhecido que o genio dos mais eximios artistas não pôde entrever e a muito custo pôde reproduzir, vê-se a distancia que separa a intelligencia da criança das revelações que ella fez.

O nome d'essa Virgem, as palavras que ella pronunciou, tudo está em desproporção com o intendimento da pessoa.

E' evidente que nunca o espirito e a memoria de Bernadette poderiam receber a imagem ou ouvir o echo do que ella viu e ouviu na Gruta.

Mas não basta afirmar tudo isto: é necessario proval-o. Será este, se v. ex.^a permite, o objecto da minha proxima carta.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre o direito dos regulares darem sepultura aos cadaveres

SENDO sido resolvido, em 17 de setembro de 1880, pela Sag. Cong. dos Bispos e Regulares, entre outras coisas, que os regulares podem levar estola e cruz conventual sem necessidade d'abandonar aquella e deixar esta no transito da comitiva funebre pelas frequezias, para voltar a pôr a primeira e levantar a segunda ao chegar ao cemiterio, comtanto que isto se faça sem pompa e *recto tramite*, julgaram os parochos de Melito que aquella resolução

os não abrangia, ácerca do que, consultada a mesma, respondeu affirmativamente. Em vista d'esta decisão, os religiosos carmelitas julgaram usar do seu direito acompanhando os cadaveres ao cemiterio publico, tocando um pouco os sinos e levando algumas luzes. Sem embargo, ao Bispo pareceu que isto não era acompanhar os cadaveres sem pompa, e prohibiu-o; mas o Superior dos Carmelitas recorreu á dita Sag. Cong. pedindo que lho fosse mantido o direito d'acompanhar os cadaveres, observando o rito simples que costumavam praticar, para o que allegavam, entre outras razões, a vontade dos fieis, que não queriam que os seus cadaveres fossem conduzidos na mesma forma que os dos que não professavam em vida a religião catholica, a saber: sem tocar os sinos nem levar luzes.

A Sag. Cong. dos Bispos e Regulares respondeu no dia 21 de março do corrente anno á seguinte pergunta: «Se deve prevalecer a prohibição imposta pelo Bispo sobre a forma observada pelos Padres Carmelitas na condução dos cadaveres ao cemiterio publico: *Negativamente, e não se falle mais do assumpto.*»

DEDUÇÕES

1.^a Levar luzes e tocar sinos em exequias e funeraes, é antiquissimo uso da Igreja.

2.^a Com as luzes tributamos um obsequio aos defunctos, porque cremos que os seus membros foram templos do Espirito Santo, e ao mesmo tempo confessamos um mysterio, porque cremos que as suas almas gosam da immortalidade e que os seus corpos esperam a resurreição para disfructar algum dia da eterna luz.

3.^a As igrejas que gosam direito de sepultura podem exercel-o no cemiterio publico, pelo que a igreja tumulante pôde fazer o officio tenebre e acompanhar os cadaveres ao cemiterio, observando o rito ecclesiastico quanto seja possivel, e comtanto que se evite fazel-o com pompa.

4.^a No caso que então se resolvia, os Padres Carmelitas evitavam a pompa, porque não pôde chamar-se tal tocar um pouco os sinos e levar algumas luzes.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Assassinio de Garcia Moreno

(Vid. pag. 119)

Garcia Moreno, o chorado presidente da republica do Equador, é uma

das mais pranteadas victimas da Franc-Maçonaria.

Foi elle um dos mais tenazes perseguidores da Maçonaria, mas pagou com a vida a sua coragem em desmascarar a nefanda seita.

Não nos permite o pouco espaço de que dispomos para esta secção traçar o perfil d'este grande homem, mas quem queira conhecer-lh'o, leia *Os Mysterios da Franc-Maçonaria e os Assassinatos Maçonicos.*

Os assassinos de Garcia Moreno designados pela maçonaria, eram cinco: Moncayo, Campuzano, Andrade, Cornejo e Rayo.

A 6 d'agosto de 1875, Garcia Moreno saiu de casa ás 6 horas da manhã, afim d'ir ouvir missa á igreja de S. Domingos. Era a primeira sexta feira do mez, dia consagrado ao Coração de Jesus, pelo qual Garcia Moreno tinha particular devoção. Moreno commungou.

N'esta manhã não poderam assassinal-o. A' uma hora da tarde saiu, levando a mensagem que n'esse dia queria apresentar aos seus ministros, em direcção ao palacio do governo; chegado, porém, á cathedral, que fica na mesma praça em que está a séde do governo, entrou na igreja e demorou-se algum tempo a adorar o SS. Sacramento exposto.

Apenas Moreno saiu da cathedral, Rayo, que o seguia, tirou do manto uma enorme faca e vibrou-lhe uma facada no hombro. «Vil assassino!», exclamou o presidente, desviando-se e fazendo esforços para tirar do sobretudo o revolver; mas Rayo abriu-lhe uma larga ferida na cabeça e os outros conspiradores despejavam sobre elle os revolvers.

Crivado de balas, a cabeça ensanguentada, o presidente apesar d'isso dirigia-se, procurando a arma, para o lado d'onde partiam as balas, quando Rayo, com dois golpes, lhe rasgou o braço direito e lhe decepou a mão direita, destacando-a quasi por completo. Uma segunda descargou fez vacillar a victima, que se apoiou á balastrada e caiu á praça d'uma altura de quatro a cinco metros.

Rayo, mais feroz que um tigre, desceu as escadas e lançou-se sobre elle para o acabar de matar. «—Morre, carasco da liberdade!» exclamava elle rasgando-lhe a cabeça com a faca. «—Deus não morre.», murmurou o martyr.

O estrondo dos tiros attrae a multidão. As ruas enchem-se de gente, acodem os soldados da caserna proxima, e os assassinos fogem, excepto Rayo, que é ferido gravemente n'uma perna por uma bala dos cumplices destinada ao presidente. Um soldado mata com um tiro o miseravel.



NOSSA SENHORA DO CARMO

Todos se acercam de Garcia Moreno, mas é tarde: o infeliz está a expirar. Um padre pergunta-lhe se perdoa aos seus assassinos, e o seu olhar moribundo responde que perdoa a todos. E' -lhe ministrada a Extrema-Unção no meio de lagrimas e soluços da multidão e expira um quarto d' hora depois.

O cadaver do feroz assassino é arastado, de corda ao pescoço, pelas ruas da cidade, e por fim lançado a um cano d' esgoto. Tiram-no mais tarde para o conduzirem ao cemiterio, onde lhe abriram um coval no terreno amaldiçoado reservado aos parricidas. Encontraram-se as provas da filiação e a quantia que recebera pelo seu crime n'um cheque sobre o banco do Peru, antro notorio de franc-maçães.

E assim foi assassinado pela maçonaria o grande Garcia Moreno, o «Regenerador da Patria», e o «Martyr da Civilização Catholica», titulos que lhe conferiu depois da morte o Senado e a Camara dos deputados.

Nossa Senhora do Carmo

E' muito celebre na Igreja de Deus a festa de Nossa Senhora do Monte Carmello, vulgarmente chamada do Escapulario.

E' geralmente sabida a historia do Escapulario.

Simão Stock, geral dos religiosos de Monte Carmello, uma alma privilegiada e muito devota de Nossa Senhora, pe-

diu á Santissima Virgem um favor especial para a sua ordem e para os lieis. Depois de muitos annos de lagrimas, penitencias e supplicios, a Virgem Mãe attenden os rogos do seu servo.

A historia diz que a Virgem Santissima appareceu um dia a Simão, rodeada de grande multidão d' espiritos bemaventurados, tendo na mão um escapulario e lhe dissera: «Recobe, meu caro filho, o escapulario que te dou e á tua Ordem como penhor de minha particular benevolencia e de minha protecção. E' por esta libré que serão conhecidos os meus servos e filhos. Eis um signal de predestinação, um penhor de paz e de alliança eterna, comtanto que a innocencia da vida corresponda á santidade d' este habito. Todo aquelle que tiver a dita

de morrer com esse distinctivo do meu amor, não soffrerá o fogo eterno e por misericórdia de meu Filho fruirá a eterna bemaventurança.»

Apenas esta devoção se tornou pública, reis e povos tiveram como uma insigne honra adornarem-se com o santo habito.

A Santissima Virgem, sabendo que todas as praticas de piedade precisam, para serem estimaveis, da confirmação dos Summos Pontifices, declarou Ella mesma ao Papa João XXII os privilegios singulares d'esta devoção, como elle o affirma na sua bulla *Sacratissimo*, de que fazem menção os Papas Alexandre V., Clemente VII, Paulo III, Paulo IV, S. Pio V e Gregorio XIII nas que expediram a favor do Escapulario.

SECÇÃO NECROLOGICA



O dia 30 de abril p. p. foi um dia de luto para todos os catholicos do Hilo, Ilha Hawaii, archipelago de Sandwich, pela morte do grande e incansavel missionario Padre Carlos Ponzot, primeiro Missionario Catholico d'esta ilha, grande campeão do Christianismo que aos 25 annos, idade mais florecente da sua vida, desprezou sua riqueza, deixou sua patria a mais bella e encantadora do mundo, (França) deixou sua predilecta familia e amigos, para se vir embrenhar n'uma ilha, onde só encontrou um povo quasi barbaro e inculto, percorrendo toda a ilha a pé, por caminhos escabrosos e intransitaveis, atravessando ribeiros, dormindo no campo ao desamparo, passando fome por não haver pão; tudo isto porque? Seria acaso levado da ambição da riqueza? Não; seria levado por humanos respetos? Também não; seria então para melhor gosar as delicias da vida? Não. Foi só levado do grande amor e vontade de conduzir ao verdadeiro aprisco aquellas ovelhas que não pertenciam ao rebanho do Senhor, como o verdadeiro obreiro do Senhor que trabalhou na sua vinha até morrer. Cincoenta e um annos d'arduos trabalhos, justo era que descansasse; e Deus, que aos que do coração o servem lhes dá a recompensa, quiz chame-lo a melhor vida e creio estará gozando da vista Beatifica d'Aquella a quem dedicou toda a sua vida.

Foi o seu enterro no 1.º dia do mez de maio; o acompanhamento foi

o maior que tem havido aqui, composto de todas as nacionalidades, que lhe mostrou seu respeito e estima. A banda instrumental acompanhou seus restos mortaes á beira da sepultura, o Reverendo Padre Boaventura fez uma curta mas commovente pratica, em que mostrou a heroicidade do incansavel Missionario. Ao ouvir-o, exclamei: Salvê, ó grande campeão do Christianismo! Salvê, ó homem notavel para os Annaes da Propagação da fé!

Paz á sua alma e meus pezames a sua enlutada familia. Um P. N. e uma A. M.

Hilo.

JACINTHO M. DE GOUVELA.

RETROSPECTO

A união catholica

Entre outras, a voz auctorisadissima do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Augusto Eduardo Nunes, venerando Arcebispo d'Evora, proclamou no Congresso Catholico Internacional de Lisboa a necessidade da união catholica.

Com quanto obscuros soldados do exercito catholico, acompanhamos S. Ex.^a Rev.^{ma} nas suas aspirações e fazemos ardentes votos ao céo porque essa união, tão desejada e tão necessaria, se faça sem demora.

A desunião dos catholicos está acarretando grandes males para a causa da religião e da patria.

A maçonaria e o liberalismo não seriam tão audaciosos, nem se atreveriam a infligir tantas desconsiderações aos catholicos, se estes se impuzessem pela união. Assim, todos zombam dos catholicos, porque os sabem desunidos e sem força.

O Congresso Catholico de Lisboa e a reunião dos Prelados n'esse Congresso, é uma esperanza de melhor futuro. Oxalá, porém, que todos os catholicos se compenetrem dos seus deveres e se resolvam a satisfazer as aspirações do Santo Padre Leão XIII, unindo-se e trabalhando na vinha do Senhor como bons irmãos, pondo de parte questões secundarias, e procurando, primeiro que tudo, o reino de Deus.

A união é facilissima, se houver da parte de todos boa vontade. Pense cada um, no intimo d'alma, como quizer sobre politica, mas unam-se todos como catholicos, sob as bases propostas por Leão XIII: respeito e submissão aos poderes constituídos.

Nem mais, nem menos.

Nem mais para não afastar da união elementos valiosissimos e que tem todo o direito a entrar na união catholica; e

nem menos, não só porque assim o exige o Papa, mas porque é um dever trivial.

Os venerandos Prelados portuguezes soltaram o grito de união. Cumpre-lhes agora estabelecel-a, dando instrucções e conciliando os animos agastados.

Se o fizerem, prestarão um grande serviço á Igreja e á patria.

Pela nossa parte, pomos incondicionalmente o pouco que valem e podemos á disposição dos venerandos Prelados portuguezes.

Dê-se o grito de — unir fileiras — e nós seremos dos primeiros soldados a entrar na forma.

E entraremos franca e lealmente, sem oppôr objecções, dispostos d'alma e coração a fazer o que nos mandarem, sem glosar as ordens dadas.

Os Prelados tem competencia e auctoridade. Mandem e serão obedecidos.

O viva ao Papa-Rei

Os jornaes jacobinos e varios liberaes (entre os quaes alguns que querem passar por conservadores e catholicos) mostram-se indignados porque o rev.^{mo} snr. Conego Agostinho d'Azevedo, não contente de defender (e mui brilhantemente) o fez o dignissimo sacerdote) o poder temporal do Papa, teve o arrojo de terminar o seu discurso soltando um — Viva o Papa-Rei! — que foi enthusiasmicamente correspondido pelos congressistas catholicos.

Entendem esses senhores que o viva ao Papa Rei foi uma grave offensa á Italia, nação amiga, e censuram acremmente o illustrado orador por ter creado embaracos diplomaticos ao nosso governo.

Que susto!

Descansem os jacobinos e os que com elles fazem côro: a Italia não reclamará, porque já sabe, por experiencia, que a questão romana é a maior espinha que tem atravessada na garganta e que mais amargos de bocca lhe tem custado. Mas, se reclamar, que tem os catholicos que vêr com isso? Eguaes vivas e eguaes affirmações se tem feito nos Congressos Catholicos estrangeiros; e, com quanto o governo da Italia haja reclamado, nem porisso os catholicos tem cessado de pedir o restabelecimento do poder temporal e dado vivas ao Papa-Rei.

Em Hespanha ainda não ha muito succedeu isso, e o governo hespanhol declarou ao italiano que não podia metter uma mordaca na bocca aos catholicos.

O Papa não cessa de reclamar os seus direitos. E quando o Papa os reclama, podem os catholicos calar-se? Não, mil vezes não.

Emquanto houver um catholico no

mundo; enquanto o Santo Padre não aceitar os factos consummados (o que nunca succederá); e enquanto o governo da Porta Pia conservar em seu poder os bens temporaes do Papado, no mundo bradar-se:—Viva o Papa-Rei!

O Papa e a Inglaterra

Tudo parece indicar que a palavra dirigida pelo Soberano Pontifice aos Ingleses produzirá fructos.

Na ultima assembleia geral dos membros da *English Church Union*, lord Halifax, que, como é sabido, trabalha com ardor na obra da união entre a Igreja anglicana e a romana, deu conta da audiencia que teve este anno com Leão XIII.

Depois d'applaudir os trabalhos dos sacerdotes Portale Duchesne acerca da validade das Ordens anglicanas, o orador felicitou-se pelas paternaes disposições de que o Santo Padre deu testemunho em diferentes occasiões para com a Inglaterra. O *Times* diz que o visconde Halifax terminou o seu discurso com estas palavras: «Se os ingleses soubessem bem que qualidade d'homem é Leão XIII, a sua mais fervente prece seria para que Deus prolongue a vida a esse Pontifice.»

O conego anglicano Carter apresentou em seguida uma moção apoiada por varios confrades, e que foi approvada unanimemente por toda a assembleia, á excepção d'um voto.

Eis o texto:

«A *União*, deplorando profundamente as funestas divisões que separamos christãos, dá testemunho do seu reconhecimento pela carta dirigida por Leão XIII ao povo inglez. Credo com Sua Santidade que uma commun e fervorosa oração é o melhor meio para obter de Deus a unidade do christianismo, a *União* conjura os seus membros a que correspondam áquella carta, assim como á recente do Arcebispo de Cantuaria, com uma commun e perseverante prece, afim d'obter a perfeita unidade na fé e no amor que Nosso Senhor desejava, na vespera da sua Paixão, para todos os que crêem no seu nome.»

É conveniente advertir que não ha perfeita uniformidade de parecer entre todos os anglicanos; pois que ao passo que estes apresentam as melhores disposições e se prestam sem reservas a secundar os ardentes desejos do Papa, outros, comquanto em menor numero e destituídos d'auctoridade e influencia, reproduzem os velhos preconceitos contra a Igreja de Roma e o Pontificado.

A dissensão entre elles deve considerar-se, comtudo, como o melhor symptoma.

Um peregrino de Paris a Jerusalem

A *Revue de l'Orient Chrétien* narra a peregrinação a pé, de Paris a Jerusalem, d'um ex-enfermeiro francez, que fez voto d'ir e voltar a pé.

Sain de Lille no dia 17 de fevereiro de 1894 e chegou a Constantinopla a 16 d'outubro, depois de 8 mezes e nove dias de marcha atravez da Belgica, Allemanha, Austria, Hungria, Servia e Bulgaria.

Uma carta de Damasco annunciava a sua chegada áquella cidade em principios de março de 1895. O peregrino empregára pouco mais de quatro mezes para ir de Constantinopla a Damasco, sempre a pé. Seguiu o traçado do caminho de ferro de Anatolia desde Ismidt (antiga Nicomedia) até Angora. D'alli continuou por Kaysarieh (Cesarea de Capadocia), Sivas, Marach, Aintab, Alepo, Homs e finalmente Damasco.

Apesar de ter sahido sem recursos, com um bordão na mão, como os peregrinos da idade media, e pedindo pelos camiuhos ás pessoas compassivas, assegura que as auctoridades lhe facilitaram por toda a parte a viagem. Deram-lhe viveres e escoltava-o um soldado a cavallo, d'um ponto a outro.

De Damasco continuou o seu caminho por Paneas, e chegou a Jerusalem no mez d'abril ultimo.

Conversões

Ha pouco converteu-se ao Catholicismo o principe Ernesto de Schaumbourg. Agora acaba de dar-se outra conversão, que não produzirá na Allemanha menor impressão, pela qualidade da personagem e pelo seu parentesco com o principe de Bismark.

Trata-se da baroneza Frida de Rantzan, irmã do barão de Rantzan, gearro do chanceller de ferro.

A cerimonia da abjuração realisou-se, com grande pompa, no Collegio Germanico de Roma.

A neophita foi recebida pelo Papa, que lhe expressou a alegria que lhe causou a sua conversão e a esperanza de que o seu nobre exemplo será seguido por outros.

Mais um triumpho para a Igreja de Jesus Christo!

Um catholico camareiro da rainha da Hollanda

Foi nomeado camareiro da rainha Guilhermina da Hollanda um procer catholico, o conde de Geloos, burgomestre de Eysden. Não ha lembrança d'um catholico ter obtido qualquer emprego no palacio dos soberanos hollandezes. Esta nomeação foi inuito bem recebida do publico e mostra um certo progresso do Catholicismo.

Uma phrase de Zola

Emilio Zola, fallando de Paulo Bourget, disse: «Seguramente a fé catholica é um solido bastão de viagem, quando se tem a felicidade de possuil-a. Tambem eu estou convencido de que nada ha melhor que crêr e de que a fé resolve a questão da felicidade.»

São estas as suas palavras textuaes, depois de affirmar acerca de Paulo Bourget, que acaba d'entrar para a *Nouvelle Revue Internationale*, que parece indubitavel que este evoluciona, e não por certo «para a fé vaga do deista, mas para a fé catholica, regulada pelo dogma.»

É preciosa esta confissão, e deve archivar-se, para atirar com ella ás faces de Zola em occasião opportuna.

A Cathedral de Londres

No dia 29 de junho, Londres, a grande metropole do imperio britannico, a maior e a mais povoada cidade do mundo, presenciou um spectaculo tão novo para ella como grandioso.

Em presença do Em.^{mo} Logue, Primaz da Irlanda, e de numerosos Arcebispos e Bispos da Inglaterra, Escocia e Irlanda e de 300 sacerdotes do deanato de Londres, que se estende sobre tres dioceses, o Em.^{mo} Cardeal Vaughan collocou a primeira pedra da cathedral de Londres, destinada a substituir a procathedral de Keusigton, no bairro West.

O Em.^{mo} Cardeal Logue, Arcebispo de Armagh e Primaz da Irlanda, a instancias do seu eminente collega de Westminster, Primaz da Inglaterra, consentiu em officiar de pontifical na missa que precedeu a cerimonia.

Isto é a união cordeal do Catholicismo da Irlanda e da Inglaterra, demonstrada por um acto publico de grande significação e contra o qual o nacionalismo mais ardente não poderá protestar.

Os membros catholicos do corpo diplomatico acreditado junto do governo da rainha, os membros catholicos do parlamento e todas as notabilidades catholicas inglezas assistiram.

A cathedral, dedicada ao precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, está situada junto de Hyde-Park, entre o bairro de Brompton e o Tamesis, o bairro da córte do parlamento e dos ministerios. Será uma copia da celebre basilica de Santo Antonio de Milão com algumas reminiscencias de S. Marcos de Veneza e de S. Vital de Ravenna.

Esta solemnidade prova a extensão do movimento catholico em Inglaterra. Este movimento permittiu dotar Londres durante os dez ultimos annos com mais de 20 egrejas e capellas catholicas.

Como começou a desenvolver-se o catholicismo na Dinamarca

Um jornal francez publicou um curioso estudo acerca dos acontecimentos que influíram no renascimento catholico da Dinamarca. Certo pastor luterano, chamado Gruntoig, foi o que mais influíu no povo e nas auctoridades, pré-gando a necessidade de confiar a interpretação da Sagrada Escripura a uma auctoridade infallivel e sustentando decididamente varios dogmas do catholicismo. Gruntoig foi na Dinamarca o que Pusey foi na Inglaterra, uma especie do precursor dos catholicos, sem que nem este nem aquelle deixassem de chamar-se protestantes.

Progresso d'um seminario catholico na Irlanda

Ao terminar o seculo passado, esforçou-se a Inglaterra por attrahir as sympathias da Irlanda, concedendo em materia d'educação algumas franquias aos catholicos. Tendo os Bispos pedido licença para fundar um seminario, votou o parlamento a subvenção de oito mil libras esterlinas. D'aqui nasceu o grande collegio de Maynooth, ao qual o snr. Roberto Peel concedeu 26:000 libras esterlinas. Hoje tem um capital que excede 300:000, tendo-o favorecido muito as reformas de Gladstone. Anualmente celebra-se a festa da sua fundação, que é verdadeiramente nacional para os catholicos irlandezes e em certo sentido para toda a Irlanda.

Leão XIII em S. Pedro

Na noite de 28 de junho, um pouco antes das nove horas, quando a immensa praça de S. Pedro estava mergulhada no silencio da noite, Leão XIII, seguido de muitas personagens da cõrte, atravessava as lojas e galerias de Raphael para descer á basilica. O Papa

ia resar ante o tumulo do Principe dos Apostolos, cuja festa a Egreja celebrava no dia seguinte.

As portas da basilica estavam fechadas e só se achavam presentes os Conegos, que esperavam a chegada do Pontifice.

A impressão produzida pela noite, a basilica debilmente alumada por longinquos resplendores que pareciam dobrar as proporções dos seus immensos arcos, é grande e ninguem pode subtrahir-se a ella. Depois de Leão XIII ter estado de joelhos por largo tempo deante do tumulo de S. Pedro, recitou preces, ás quaes respondia a sua comitiva. Em seguida procedeu á benção dos pallios destinados aos Arcebispos.

Esta cerimonia devia realizar-se no dia seguinte; mas foi adiantada por conselho do dr. Lapponi, que quiz evitar ao Papa uma grande fadiga durante as horas calmosas do dia.

Sua Santidade, segundo uma testemunha presencial, está de perfeita saude.

A cerimonia acabou ás dez e meia horas da noite.

Jornalistas catholicos inglezes

A sociedade dos jornalistas catholicos inglezes tomou as seguintes resoluções: Prestarem-se mutuo auxilio nos negocios que emprehendam e se refiram a objectos litterarios. Socorrer os orphãos dos jornalistas e escriptores. Aconselhar estes nos assumptos importantes, sejam ou não litterarios, e proporcionar-lhes consultas juridicas e administrativas. Fomentar os estudos archeologicos e de historia ecclesiastica.

Capitulo Geral dos Franciscanos

O proximo Capitulo Geral dos Franciscanos tratará da conveniencia de subjeitar ás mesmas regras varios ramos da Ordem Seraphica, que hoje se

não encontram n'esse caso. Os ditos ramos são os da observancia, os alcan-tarinos, os reformados e os recoletos.

Os pré-gadores da nossa epoca

O Cardeal Gibbons publicou na *North American Review* um artigo acerca das obrigações dos pré-gadores catholicos na nossa epoca. N'esse artigo demonstra que não podem cumprir a sua missão se não conhecerem as principaes questões sociaes e politicas, e não sómente d'ouvido ou por ligeiras leituras, mas por um serio estudo de todas as opiniões e systemas.

Os protestantes intransigentes

A *Church Union*, de Inglaterra, que não deve confundir-se com a sociedade a que preside lord Halifax, publicou uma especie de resposta á carta do Papa ao povo inglez. Longe de parecer-se aos socios de lord Halifax, os da *Church Union* nada mais fizeram que repetir a sabida theoria protestante e rejeitar o culto da Virgem e outros principios catholicos, porque dizem não conceber como possa uma creatura ser mão do Creador. O manifesto da *Church Union* não é mais que um grito de raiva do anglicanismo.

O Santo Padre e os historiadores modernos

O Padre Gasquet, fallando da sua entrevista com o Papa, citou umas curiosas phrases do Sua Santidade, tão verdadeiras como notaveis. «Quando se escreve a historia, tem-se, muitas vezes, o cuidado d'omittir o que é desagradavel. Se os historiadores do ultimo seculo tivessem escripto o Evangelho, talvez não soubessemos uma palavra das negações de S. Pedro, nem da traição de Judas».

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente a do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, o America, 15280 réis, moeda portugueza—

Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua do Almada, 368—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na Livraria Catholica Portuense, rua do Almada, 368—PORTO.